

APRESENTAÇÃO

Este volume da *Revista Língua e Literatura* tem como objetivo acolher pesquisas e debates sobre produções culturais construídas em espaços geográficos que têm a língua portuguesa como idioma oficial. A chamada abrange, assim, ensaios que contemplam estudos críticos sobre a produção artística brasileira, angolana, cabo-verdiana, guineense, portuguesa, moçambicana, santomense e/ou timorense, nas áreas de literatura, linguística, artes plásticas, música, cinema e televisão. Foi nossa intenção não apenas trazer a debate produções culturais de gêneros variados em seus diálogos com a literatura, como propiciar o estudo e a difusão de obras recentes, produzidas a partir do último quartel do século XX. A opção temática reflete assuntos que são caros ao Programa de Pós-Graduação em Letras da URI, universidade a cujo Departamento de Linguística, Letras e Artes esta Revista está vinculada, e ao Programa de Mestrado em Letras da UNINCOR, que organiza conosco este volume. A chamada vincula-se a estudos comparatistas, e, especialmente, às Linhas de Pesquisa Comparatismo e Processos Culturais, do PPGL Mestrado em Literatura Comparada (URI) e Discurso e Produção de sentido, do Programa de Mestrado em Letras da UNINCOR.

A chamada temática convidava artigos que abordassem estudos centrados em torno de quatro eixos: 1) Diálogos entre literatura de língua portuguesa e cultura no século XXI; 2) Cultura e repressão nas artes; 3) Cinema nos países de língua portuguesa: língua, cultura e nacionalismo; 4) Pós-colonialismo e as produções nas artes visuais. Com prazer, recebemos contribuições nessas quatro áreas, embora, como representada pela seleção de ensaios que compõe este volume, a relação entre literatura de língua portuguesa e cultura pareça estar mais presente entre nós, tendo sido alvo de maior número de submissões; contribuições relevantes e originais são publicadas, ainda, com relação ao cinema, à música e às artes visuais.

Abre este volume artigo no qual Chimica Francisco opta por analisar os romances *Xefina*, de seu compatriota, o escritor moçambicano Juvenal Bucuane, e *Quem me dera ser onda*, do angolano Manuel Rui, ressaltando o uso do humor e da

ironia em contextos pós-coloniais. Os romances comentam eventos resultantes da conjuntura do pós-independência de seus países, ambos ex-colônias de Portugal, ressaltando um imaginário ligado à expressão da cultura e repressão nas artes. Imaginário semelhante é compartilhado pelo ensaio “Uma historiografia inconsciente da ditadura militar brasileira: tortura, silêncio e repressão em contos de Abreu e Noll”, de João Paulo Massotti e Luana Teixeira Porto, no qual os autores, embora centrados, como o título indica, no contexto do período ditatorial brasileiro, observam também, em “Oasis” e “Garopaba mon amour”, de Caio Fernando Abreu, e “Alguma coisa urgentemente”, de João Gilberto Noll, aspectos formais e temáticos empregados pelos autores em suas representações de situações de tortura, repressão e silenciamento. O debate em torno de obras literárias recentes produzidas em países de língua portuguesa tem sequência com o artigo “Um golpe de Estado contra o antigamente: a velhice em A varanda do Frangipani, de Mia Couto”, de Maria Perla Araújo Morais. A autora discute possíveis causas para a desvalorização do lugar do idoso em Moçambique, a partir da conjuntura sócio-histórica representada no romance de Mia Couto.

Os dois ensaios seguintes, a partir de contextos distintos, debatem a relação entre cinema, cultura e sociedade. Em “Marcas da identidade cultural e linguística moçambicanas no filme *Virgem Margarida*, de Licínio Azevedo”, Alexandre Antonio Timbane levanta questões sobre a identidade sociocultural de Moçambique, apontando marcas linguísticas, culturais e históricas presentes no filme, as quais sugerem o contexto cultural único daquele país. Já Paula Regina Siega, em “Cangaço, revolução e faroeste: estudo sobre os efeitos da circulação internacional do cinema brasileiro”, raciocina como o filme *O' cangaceiro*, realizado em 1970 por Giovanni Fago, evidencia influência de filmes brasileiros no horizonte de recepção do público europeu, o qual é modificado a partir da exposição a filmes como *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*, de Glauber Rocha, que propagam o imaginário sertanejo na Europa.

Finalizando a seção temática, os ensaios de Matheus Nogueira Schwartzmann, José Wanderson Lima Torres e Alfredo Werney Lima Torres exploram a linguagem dos quadrinhos e da música. No primeiro deles, “Transcrição em quadrinhos: Sá-Carneiro por Laerte Coutinho”, o autor apresenta detalhada análise da (re)leitura e transcrição do poema “Feminina”, de Mário de Sá-Carneiro efetuada por Laerte

Coutinho (2011), a qual renova o frescor, provocação e inventividade de poema publicado quase cem anos antes. “O som que vem da rua: as cidades no discurso das canções ‘Saudade de Itapoã’, de Dorival Caymmi, e ‘Estação derradeira’, de Chico Buarque” propõe a investigação das estratégias discursivas e musicais utilizadas por cada compositor para representar o Rio de Janeiro e a Bahia, respectivamente, evidenciando as diferenças do olhar sobre a cidade de cada um deles.

A seção *Vária* é composta por três artigos. No primeiro deles, “A história oculta: considerações sobre a narrativa policial”, Gregório Foganholi Dantas examina as transformações da narrativa policial, desde sua origem até os tempos atuais. O autor vai tratar da narrativa policial do século XIX e passa depois pelo século XX, destacando os dois caminhos assumidos por essa narrativa: a “era do ouro” do policial inglês, lúdico e escapista, e o modo narrativo supostamente mais realista, dos autores do cinema *noir*. Chegando à narrativa pós-contemporânea, Dantas destaca ainda a figura do detetive, a qual é tomada como metáfora para o papel do leitor e do escritor.

Dionei Mathias, no artigo “Formas de comunicação emocional”, após discutir teoricamente o processo de comunicação e sua conexão com as emoções, reflete sobre o papel das emoções no processo de comunicação presente no romance *Die Liebhaberinnen* (*As amantes*), da escritora austríaca Elfriede Jelinek. Em seu estudo, o foco recai sobre a ideia de amor e seu papel na troca, negociação e interpretação de signos.

Finalmente, em “Ética, estética e violência em ‘A Hora e a vez de Augusto Matraga’, de Guimarães Rosa”, João Batista Pereira pretende, por sua vez, refletir sobre a representação da violência no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa. Para isso adota a alegoria benjaminiana como categoria analítica e discute o caráter dialético dos textos literários, que no caso dos relatos de Guimarães Rosa, segundo o autor, concorrem para compreendermos os sertões mineiros.

Boa leitura.

Denise Almeida Silva – URI
Thayse Figueira Guimarães- UNINCOR
Organizadoras